



## William Waack A fórmula da vitória

**L**ula assumiu o terceiro mandato já pensando em 2026, o que é normal. A questão é saber se vai funcionar a fórmula que está tentando aplicar para ganhar as próximas eleições.

Ela é muito simples e se baseia numa leitura do passado: a de que o gasto público traz voto, além de impulsionar o crescimento do PIB. Há uma série imensa de fatores que influenciam eleições, mas a ortodoxia petista (não só, porém) insiste em que benefícios sociais, acesso ao crédito e consumo das famílias é que consagram o presidente nas urnas.

Lula e seu partido resumem

a isso a análise de que os levou a quatro vitórias (admitem que a quinta, em 2022, foi por fatores “extraordinários”). Consequentemente, a ênfase da política econômica atual é no gasto, com grande emprego de energia política para driblar restrições.

Esse raciocínio assume que, colocando feijão no prato, o resto se resolve. O problema é que a capacidade da economia brasileira de “colocar feijão no prato” — ou seja, crescer gerando renda e prosperidade — vem se reduzindo nas últimas décadas.

De novo, a estagnação em produtividade e competitividade é resultado de uma combinação complexa de fatores, mas

um deles é justamente o que envolve decisões diretas de agentes políticos: a questão fiscal. Ela não sai da atenção dos agentes econômicos por motivo mui-

**A política econômica do governo Lula 3 está tornando mais difícil uma próxima vitória eleitoral**

to simples, pois retarda a queda de juros e torna o custo do capital no Brasil muito alto, prejudicando investimentos e, portanto, capacidade de crescimento.

Ao descrever o presente de-

bate econômico como uma disputa entre “rentistas” (os que vivem de juros) e “desenvolvimentistas” (os que querem fazer a economia crescer via gasto público), Lula e seu círculo duro de assessores não enxergam a espiral que torna mais difícil, e não mais fácil, lograr o crescimento que levaria a vitórias eleitorais. Entendem as expectativas de juros a longo prazo bem altas (IPCA + 6%, uma tragédia) como uma armadilha montada por adversários políticos.

A conclusão óbvia que se extrai desse tipo de expectativa manifestada por agentes econômicos é a de que eles (que são numerosos e anônimos)

não enxergam grande capacidade de crescimento da economia lá na frente. E essa percepção piora com o governo demonstrando escassa capacidade de articulação e lentidão na implementação de uma agenda que não seja apenas a de reforçar o gasto público.

Lula cortou de saída qualquer conversa sobre controle de despesas — temeroso de desgaste político e convencido da sua “fórmula” de crescimento da economia. Está lutando contra desgaste político e descrença na economia. ●

JORNALISTA E APRESENTADOR DO PROGRAMA WW, DA CNN

SEG. Carlos Pereira e Diogo Schelp (quincenalmente) • TER. Eliane Cantanhêde • QUA. Vera Rosa e Marcelo Godoy (quincenalmente) • QUI. William Waack • SEX. Eliane Cantanhêde • DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

### Investigação

# Delator do caso Trafigura diz que escalou o pai para receber propina

**Ex-funcionário da Petrobras depois à Lava Jato e relato foi reproduzido no acordo da multinacional fechado nos EUA**

JULIA AFFONSO  
BRASILIA

Um dos investigados pelo Departamento de Justiça (DoJ) dos Estados Unidos no caso que levou a empresa suíça Trafigura a admitir pagamento de propina na Petrobras também prestou depoimento à Operação Lava Jato. O ex-funcionário da estatal Rodrigo Garcia Berkowitz revelou aos investigadores brasileiros ter escalado o próprio pai para receber propina, em dinheiro vivo, da multinacional.

Em 28 de março, o DoJ anunciou que a empresa suíça, uma das maiores empresas de comércio de commodities do mundo, havia se declarado culpada e concordado em pagar mais de US\$ 126 milhões para encerrar uma investigação sobre um esquema de corrupção envolvendo a Petrobras.

O Estadão identificou que o acordo da Trafigura com o departamento americano reproduz informações semelhantes às aquelas relatadas por Rodrigo Berkowitz à Lava Jato. As declarações do executivo foram levadas a um processo aberto no Brasil em 2018. Em outubro de 2020, Berkowitz prestou depoimento à Justiça

Federal em Curitiba, por vídeo-conferência, e repetiu trechos da delação premiada firmada com a Lava Jato. Como mostrou o Estadão, a ação que acusa ex-executivos da Trafigura de pagarem propina de US\$ 1,5 milhão a um ex-dirigente da Petrobras segue parada.

No Brasil, a Trafigura ainda é alvo de um procedimento administrativo da Controladoria-Geral da União (CGU), aberto desde dezembro de 2020. O órgão apura “supostas irregularidades praticadas pelas empresas” do grupo.

A reportagem, a CGU informou que o processo interno tem relatório final emitido “e encontra-se, no momento, no órgão de assessoria jurídica”. A investigação está sob sigilo.

**SEMPRAZO.** “Ainda não há qualquer sanção administrativa imposta pela CGU nem um prazo determinado para decisão do mérito do processo. A prescrição da pretensão punitiva está prevista, a princípio, para 31 de dezembro de 2025”, registrou a controladoria.

Rodrigo Berkowitz trabalhou na área de trading de óleo e combustível, em Houston (Texas), pela Petrobras America, e com comércio externo pela estatal no Brasil. Berkowitz fechou um acordo com o DoJ e também prestou depoimento aos investigadores brasileiros, nos Estados Unidos, sob supervisão de autoridades federais do órgão americano.

A delação premiada com a Lava Jato foi assinada em de-

Presente também RODRIGO GARCIA BERKOWITZ, acompanhado de seu advogado brasileiro Jorge Luis Câmara [REDACTED] e seu advogado americano James Kennedy do escritório Schaffer Carte & Associates. O colaborador renuncia ao exercício do direito ao silêncio e se compromete a dizer a verdade em relação às informações que fornece relativamente ao tema acima. O ato não é gravado em meio audiovisual por não ser prática do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Após fornecidas as informações orais por RODRIGO GARCIA BERKOWITZ foi lavrado, após a revisão de texto, o presente termo da declaração relativo ao tema acima, que vai assinado pelo colaborador. Em determinado momento em 2010 eu pedi para [REDACTED] entregar a propina para meu pai, [REDACTED] Berkowitz. Foi a partir desse ponto que a atuação dele na lavagem começou. Meu pai perguntou se esses recebimentos teriam continuidade e sugeri a abertura de uma conta no exterior. Eu disse a meu pai que não poderia ser no meu nome, tampouco no dele. Depois meu pai

Trecho da delação de Rodrigo Berkowitz firmada com a Lava Jato

zembro de 2019 e previu a devolução de R\$ 2,3 milhões.

O executivo relatou à Lava Jato que ficava com 80% de “toda propina” e os outros 20% eram entregues a outro funcionário da Petrobras identificado por “Sardinha”. Segundo o delator, os valores direcionados a ele próprio eram entregues ao colega da estatal, uma vez que Berkowitz não estava no Brasil.

**Em família**  
**Ex-funcionário disse que seu pai chegou a sugerir abrir uma empresa no exterior**

Ele narrou que um executivo ligado à Trafigura pediu a troca de intermediário. O delator contou que “Sardinha” era considerado uma pessoa “pouco” discreta e que estava se tornando “perigoso continuar entregando dinheiro para ele”.

A partir daí, começou a fa-

lar sobre o papel pai no caso. “Eu falei: ‘Olha, se for uma outra pessoa, eu só teria como indicar o meu pai mesmo’, e ele concordou. Falei com meu pai, o meu pai talvez tenha se encontrado com ele uma, duas vezes, e pegou quantias em dinheiro com ele”, disse Berkowitz.

**‘MEDO’.** “Ele (o executivo da Trafigura) tinha medo de que aquilo vazasse de alguma forma e pediu para que eu trocasse a interlocução, a quem ele deveria entregar, encontrasse uma pessoa que ele deveria entregar, e foi quando eu indiquei o meu pai e ele concordou.”

Rodrigo Berkowitz disse à Lava Jato que o pai o questionou se ele continuaria “recebendo isso de forma corriqueira”. “Eu falei: ‘Sim, pai, vou’.” Foi quando ele falou: “Olha, acho que seria interessante a gente abrir uma empresa no exterior”, relatou o delator.

Ele disse ter sido contra:

“Eu de pronto falei ‘não posso abrir no meu nome e não pode abrir no seu nome também, eu acho que fica inviável’.”

**AMIGO DE INFÂNCIA.** Segundo Berkowitz, a saída foi abrir a empresa em nome de um amigo de infância dele. O ex-funcionário da Petrobras contou ter combinado que o amigo receberia 1% “de tudo que entrasse nessa empresa”. “Acabou que a Pimelir (nome da empresa) não foi utilizada para receber propinas da Trafigura, foi posteriormente usada para receber de outra companhia”, afirmou. Um relato semelhante consta do acordo fechado pela Trafigura com o Departamento de Justiça americano e tornado público. O órgão preservou as identidades de ex-executivos da empresa suíça e da Petrobras, mas deixou a menção a Berkowitz. Três investigados foram chamados de “co-conspiradores”.

“Por volta de 2010, o co-conspirador pagou subornos a Berkowitz em nome da Trafigura ao entregar dinheiro no Brasil para um parente de Berkowitz. Eles normalmente se encontravam no escritório da Trafigura no Rio de Janeiro para a entrega do dinheiro, que o parente então guardava em nome de Berkowitz até que ele pudesse buscá-lo no Brasil”, registrou o DoJ no acordo.

**CÓDIGO DE CONDUTA.** Em comunicado publicado em seu site também em 28 de março, a Trafigura afirmou que concluiu uma investigação, divulgada pelo Departamento de Justiça, “sobre a conduta de ex-funcionários e/ou agentes no Brasil, que ocorreu há, pelo menos, dez anos”. “Essa conduta foi e é inconsistente com os princípios, termos contratuais e Código de Conduta da empresa”, afirmou. ●

PARTE DO DOCUMENTO DE INVESTIGAÇÃO  
Fornecido pelo DoJ em 18 de março de 2024  
Conteúdo não verificado por esta publicação

pressreader